

ASPECTOS DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA EM “JUBIABÁ”

Luana Cristine da Silva (UNEB¹⁰)

luachriss@gmail.com

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

conceicaoreis@terra.com.br

RESUMO

“Jubiabá” é o quarto romance do escritor baiano Jorge Amado, publicado pela primeira vez em 1935. A narrativa discute a questão do negro na cidade da Bahia do século XX e, ainda, mostra enfoques relevantes da cultura e identidade de afro-brasileiros por intermédio do personagem principal, Antônio Balduino, influenciado pelo pai de santo Jubiabá, porta-voz de seus ancestrais africanos. No presente texto, almeja-se apresentar os primeiros resultados da investigação que analisa aspectos da cultura afro-brasileira por meio do estudo do vocabulário utilizado pelo autor no romance em tela. A pesquisa em desenvolvimento encontra-se ancorada nos pressupostos teóricos e metodológicos da lexicologia, especialmente aquele filiado à Teoria dos Campos Lexicais proposta pelo linguista romeno Eugenio Coseriu (1977). Com o estudo, busca-se estabelecer a relação entre língua, cultura e sociedade mediante perspectiva sincrônica. Ademais, pretende-se evidenciar traços da memória coletiva africana, através da observação dos usos linguísticos em uma obra da literatura brasileira.

Palavras-chave:

“Jubiabá”. Orixás. Campos Lexicais.

ABSTRACT

“Jubiabá” is the fourth novel by Jorge Amado, published for the first time in 1935. The narrative discusses the issue of black people in 20th century Salvador and also shows relevant approaches to the culture and identity of afro-brazilians through the main character, Antonio Balduino, influenced by Jubiabá, Candomblé religious leader, and spokesman for his African ancestry. In the present text, we aim to present the first results of the investigation that analyzes aspects of afro-brazilian culture through the study of the vocabulary used by the author of the novel. The research in development is anchored by the theoretical and methodological assumptions of Lexicology, especially the one affiliated with the theory of Lexical Fields, proposed by the Romanian linguist Eugenio Coseriu (1977). With the study, we seek to establish the relationship between language, culture and society through a synchronic perspective, to highlight traces of African collective memory, through the observation of linguistics uses.

Keywords:

“Jubiabá”. Afro-Brazilian Culture. Lexical Field Theory.

¹⁰ Agradeço à FAPESB pelo fomento através da bolsa de pesquisa.

1. Introdução

A “Íliada Negra”, quarto romance publicado por Jorge Amado, narra a trajetória de Antônio Balduino, um dos primeiros heróis negros da literatura. O romancista baiano tece percepções acerca da sociedade baiana e tenazes denúncias sobre a condição dos trabalhadores, bem como o crescimento identitário do protagonista ao conhecer os heróis ancestrais da cultura africana através do líder religioso mais famoso da Bahia, o pai de santo Jubiabá.

Desse modo, aspectos da cultura afro-brasileira são postos em foco na narrativa ficcional, através de uma linguagem muito singular e própria do romancista que sintetiza aspectos da religiosidade e dos *modus vivendi* dos afro-brasileiros e de seus ancestrais. Neste cenário e em função da temática, o romance será analisado pelo viés da lexicologia, para tanto, serão utilizadas ferramentas tecnológicas para levantar o vocabulário representativo dos aspectos da cultura afro-brasileira documentados em “Jubiabá” (1935) e organizá-los em macro e microcampos lexicais.

No presente texto, será apresentado um recorte da pesquisa em andamento, especificamente no que tange o campo lexical dos orixás. As lexias foram recolhidas do romance em tela e demonstram a forte relação entre as religiões de matriz africana e a narrativa que discute a representação da vida em sociedade na cidade de Salvador durante os anos 3 do século XX.

2. “Jubiabá” e a cultura afro-brasileira

Em “Cena moderna: a cidade da Bahia”, no romance de Jorge Amado, Magalhães afirma que Jubiabá é o nome de um personagem que

[...] Passa a concentrar referências de um herói no imaginário e na hierarquia do candomblé – pai de santo. [...] O termo Jubiabá remete a um sentido, que traduz uma referência ligada ao campo da origem, do esteio, da base, que dará sustentação ao herói Balduino (MAGALHÃES, 2011, p. 180 - 181).

Diante do exposto, é possível entrever a influência das origens ancestrais africanas na construção identitária do personagem principal, Antônio Balduino, o Baldo. O herói encontra no líder religioso uma referência a ser seguida, já que, além de ser o babalorixá do terreiro, atribui-se como um guia, conselheiro e curandeiro do Morro do Capa Negro, bem

como um lembrete a Baldo da necessidade de lutar e nunca abaixar a cabeça para a exploração do povo.

Vale destacar também que a história de ascensão do protagonista e o processo de contribuição que o candomblé exerce no crescimento identitário do personagem tecem uma relação indissociável. Com isso, a consciência de classe ocorre através da percepção da força emancipatória da religião, caminho seguro e representativo. Assim sendo, de acordo com Sobenes (2015),

A história de vida de Baldo é como uma alegoria dos trabalhadores alcançando sua consciência de classe, porém com um diferencial: a presença de um deus, o orixá marginalizado, Exu, o mensageiro de todos os orixás, o orixá transgressor que leva Baldo para a revolta. (SOBENES, 2015, p. 2)

Nesse sentido, a presença participativa dos orixás e da cultura afro-baiana tem como objetivo abordar a verossimilhança com a realidade, pois Jubiabá existiu e foi um dos babalorixás mais famosos de seu tempo. Líder religioso de um candomblé de caboclo no Morro da Cruz do Cosme influenciou politicamente a sociedade baiana dos anos 30, e lutou contra a violência policial nos cultos afro-brasileiros por ser capitão do exército de Salvador.

Com o romance homônimo, Jubiabá despertava ainda mais curiosidade em torno de sua imagem, tornando mais potente o discurso de Jorge Amado a respeito da sobrevivência, da preservação da cultura, e da valorização dos aspectos ritualísticos do candomblé (SOUZA *et al.*, 2017) e da cultura afro-brasileira. Afinal, a religiosidade do povo negro, suas manifestações, rituais, resistência são apresentadas no livro como elementos primordiais (SOUZA *et al.*, 2017), mesclando ficção e realidade, espelho autobiográfico característica da literatura amadiana.

3. Os estudos lexicais

A linguagem nos permite inteirar sobre aspectos sociais, culturais e econômicos de uma sociedade em determinado período. O romancista, ao elaborar seu texto ficcional, forja-o através do uso de uma linguagem. Por esse motivo, a literatura torna-se uma fonte de saber a cerca de uma época por representar “elementos para a leitura de uma sociedade” (TEIXEIRA, 2017, p. 294).

Os estudos lexicais admitem uma leitura lexicológica de um texto literário, permitindo tomá-lo como *corpus* a fim de identificar palavras

que possibilitam o entendimento sobre os *modus vivendi* da comunidade de fala retratada. Nesta direção, Teixeira (2017) afirma que

[...] se desejarmos conhecer aspectos culturais de outros períodos da nossa história ou de outros grupos sociais, necessário se faz mergulhar nos textos produzidos (orais ou escritos) e analisar o vocabulário ali empregado (TEIXEIRA, 2017, p. 295)

Nesse ponto de vista, o léxico preserva e representa a cultura de uma sociedade, visto que o estudo do vocabulário em “Jubiabá” nos permite ainda entrever as relações entre língua, cultura e sociedade, já que língua e cultura estão entrelaçadas, sendo impossível separar a língua da cultura.

3.1. Teoria dos Campos Lexicais

Proposta por Eugenio Coseriu (1977), a teoria dos campos lexicais lastreia as análises do estudo do léxico que será apresentada no presente texto. Nesta concepção, as lexias são agrupadas em consonância com a aproximação semântica, por possuírem uma mesma substância semântica linguisticamente formada, opondo-se por traços mínimos que a diferenciam e constituindo uma mesma área do conhecimento.

O campo lexical é o conjunto de palavras que pertencem à mesma área de conhecimento e está dentro de uma língua. Com o campo é possível estabelecer uma relação de coordenação entre as palavras. Para Abbadie (2011),

As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação (ABBADIE, 2011, p. 1332).

Logo, partido desta hipótese, as lexias do campo lexical dos ori-xas precisam de um conjunto para ser entendidas individualmente, já que o significado passa a existir conjuntamente, formando, assim, uma organização significativa.

3.2. Aspectos metodológicos

Empregou-se uma metodologia de natureza descritivo-analítica, a partir de uma perspectiva sincrônica, destinada a investigar a relação en-

tre língua–cultura–sociedade, por meio do estudo de uma parte do léxico de um grupo sócio-lingüístico-cultural retratado por Jorge Amado em seu romance “Jubiabá”.

Para composição do corpus e análise da obra, seguiram-se os fundamentos teóricos e metodológicos dos estudos lexicológicos contemporâneos filiados a Teoria dos Campos Lexicais coseriana. Seguiram-se as seguintes etapas metodológicas:

1) uso do programa computacional AntConc (2014), criado pelo pesquisador Laurence Anthony, para a seleção do corpus, onde selecionamos as lexias que fazem referência ao campo lexical dos orixás;

2) definição da macroestrutura, que compreende a organização externa das entradas, e da microestrutura do campo lexical, que corresponde à organização interna das lexias, isto é, as informações contidas nelas, como a classe gramatical;

3) análise do corpus e elaboração das entradas lexicais a partir dos significados contidos na obra e nos dicionários correntes da língua portuguesa e vocabulários afro-brasileiros.

4. Campo Lexical dos Orixás em “Jubiabá”

Conforme mencionado anteriormente, no presente texto, serão apresentados o campo lexical dos orixás em “Jubiabá”. Na referida obra, foram inventariadas 7 (sete) lexias, as quais foram classificadas e organizadas hierarquicamente, consoante a sua natureza semântica, conforme pode-se ler no quadro 1.

Quadro 1: Microcampo lexical dos orixás em “Jubiabá” (1935), de Jorge Amado.

“JUBIABÁ”: MICRO-CAMPO DOS ORIXÁS	EXU
	OMOLU
	OXALÁ
	OXALUFÃ
	OXODIAN
	OXÓSSI
	XANGÔ

Fonte: Elaboração das autoras.

A seguir, as lexias do microcampo dos orixás estão apresentadas de acordo com a hierarquia estabelecida pelo romance em tela e organizadas de acordo com as informações contidas. Em primeiro lugar, tem-se a entrada lexical, seguida da classe gramatical e do significado contidos na obra, nos dicionários de língua portuguesa e vocabulários afro-brasileiros. Anda, tem-se a abonação, contendo o contexto da palavra no texto literário.

EXU – *s. m.* Orixá mensageiro; dono das encruzilhadas e guardião da porta de entrada das casas.

Quando o malandro chegara com **Exu** debaixo do casaco foi uma festa. E houve uma macumba que durou a noite toda para desagrar **Exu** que estava furioso e poderia perturbar as outras festas depois. (AMADO, 1935, p. 71)

OMOLU – *s. m.* Orixá da varíola, das doenças de pele. O jovem e forte é chamado Obaluaê. Manifesta-se como um velho decrépito, mal podendo caminhar, com o rosto coberto por um capuz de palha-da-costa.

Foi quando Joana, que já dançava como se estivesse em transe, foi possuída por **Omolu**, a deusa da bexiga. (AMADO, 1935, p. 64)

OXALÁ – *s. m.* Orixá supremo da criação, pai de todos os orixás, é também conhecido como Obatalá. O velho é Oxalufã, e o jovem, Oxaguiã.

Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem, na hora que quiserem, secar o olho da ruindade. E Jubiabá, o feiticeiro, se inclina diante dele como se ele fosse Oxolufã, **Oxalá** velho, o maior dos santos. (AMADO, 1935, p. 65)

OXOLUFÃ – *s. m.* Oxalufam– Oxalá-Lufam, a forma mais velha de Oxalá. Forma anciã de Oxalá como rei de Ifon (Nigéria).

Ele apareceu, **Oxolufã**, Oxalá velho alquebrado, arrimado a um bordão com lantejoulas. (AMADO, 1935, p. 65)

OXODIAN – *s. m.* Oxaguian – Oxalá-Guian, a forma jovem do velho Oxalá. Oxalá que traz a espada e tem fundamentos com Ogum e Yansã. Forma jovem e guerreira de Oxalá.

Foi quando, de súbito, Oxalá, que é o maior de todos os orixás, e que se divide em dois – **Oxodian**, que é o moço, Oxolufã, que é o velho, apareceu derrubando Maria dos Reis, uma pretinha de seus quinze anos, de corpo virgem e roliço. (AMADO, 1935, p. 65)

OXOSSI – *s. m.* Orixá iorubano da caça e dos caçadores. Orixá de caça, irmão de Ogum, segundo alguns mitos, dono do mato, Oxoce.

Uma vez haviam-lhe mostrado a estrela que Zumbi dos Palmares tinha virado. Mas ela não está brilhando aqui. Só brilha na Bahia, nas noites de macumba, quando os negros festejam **Oxossi**, o deus da caça. (AMADO, 1935, p. 139)

XANGÔ – *s. m.* Divindade da justiça. É o orixá dos raios e trovões, reherói do povo yoruba, venerado nos meteoritos e machado (oxê) de pedra de dois gumes, que são colocados em um pilão de madeira esculpida (o-dô) a ele consagrado.

O santo era **Xangô**, o deus do raio e do trovão, e trazia contas brancas pintalgadas de vermelho sobre o vestido branco. Veio e reverenciou Jubiabá que estava no meio dos ogãs e era o maior de todos os pais-de-santo”.(AMADO, 1935, p. 63)

4.1. Análise do campo lexical dos orixás em “Jubiabá”

Exu, de acordo com a mitologia afro-brasileira, é o orixá mensageiro e guardião das casas de terreiro e responsável pelo movimento. No sincretismo religioso, comparado ao diabo católico, conotação negativa que o orixá não tem. Já no romance, Exu aparece como um orixá revoltado e bagunceiro, que quer acabar com todas as festas, querendo uma em sua homenagem, mas também acaba indo preso junto com Jubiabá, perseguido pela polícia por ser pai de santo. Na trajetória de Baldo, o influencia na revolta contra as desigualdades sociais da época relacionada ao povo trabalhador.

Omolu é o orixá da saúde, da doença e da morte, sincretizado como São Roque. No contexto da obra, Jorge Amado apresenta como a deusa da bexiga, aparecendo em tempos de festa junto com os outros orixás e convida as mulheres para dançar no terreiro de Jubiabá e reverencia Antônio Balduino.

Já **Oxalá** é o maior de todos os orixás, sincretizado como Jesus Cristo. Na obra, fonte da análise, é descrito e sincretizado como “o Senhor do Bonfim, que é o mais milagroso dos santos da cidade negra da Bahia de Todos os Santos e do pai de santo Jubiabá” (AMADO, 1935, p. 65 e 66). Em uma passagem, Baldo confunde o pai de santo com Oxalá, na forma do orixá velho, demonstrando o sentimento fraterno e respeitoso que tem com seu mentor.

Oxolufã e **Oxodian** são, respectivamente, a forma mais velha e a forma mais jovem de Oxalá. O primeiro é ligado a calma e a tranquilidade, pois é velho e sábio. Como dito anteriormente, Baldo o confundiu

com Jubiabá por conta da sabedoria. O segundo é um jovem guerreiro, mas no romance, aparece acompanhado dos outros orixás nas festas do terreiro.

Oxossi é descrito como o deus da caça e sincretizado, segundo o autor, como São Jorge. Além disso, aparece como um momento de reflexão para Antônio Balduino na festa para o santo e discursa acerca da greve: “(...) Que adianta negro rezar, negro vir cantar para Oxossi? Os ricos manda fechar a festa de Oxossi” (AMADO, 1935, p. 196).

Com isso, convida os amigos a participar do movimento grevista relembrando das vezes em que os policiais impediram a realização dos rituais e prenderam Jubiabá, convencendo a todos, “negros e brancos pobres” da importância da luta coletiva para o fim da exploração.

Por último, **Xangô**, o deus do raio e do trovão, da justiça, do poder e da administração, no sincretismo é São Jerônimo. No romance, aparece na festa do terreiro referenciando Jubiabá, “o maior de todos os pais de santo”, e seus convidados.

5. *Considerações finais*

O estudo de textos literários pelo viés da Lexicologia nos permitiu entrever aspectos da cultura afro-brasileira no romance de Jorge Amado. Por isso, pode-se dizer que quando se analisa o vocabulário de um texto ficcional produzido pelo este romancista baiano, é mergulhar em aspectos da cultura da comunidade afro-brasileira, nos dramas, nas lutas e identidade de um povo que com muita potência urdiu a cultura e a identidade do povo brasileiro.

À vista disso, as sete lexias representam o campo lexical dos orixás evocam a ancestralidade africana através da religiosidade. Tais lexias dão uma pequena demonstração do vocabulário utilizado por Jorge Amado para representar as nuances linguísticas e culturais da comunidade afro-brasileira. Corroborando com Teixeira (2017), a saga de Antônio Balduino retrata suas influências do Candomblé, representados aqui pelas lexias dos orixás. Por fim, esse acervo vocabular fica documentado e pode ser transmitido por várias gerações por meio da cultura e da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: Cadernos do CNLF, v. XV, n. 5, t. 2, *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Companhia das letras, 2008 (1935).

ANTHONY, Laurence. *AntConc* (Versão 3.4.3) [Software de Computador]. Tóquio, Japão: Universidade de Waseda. 2014. Disponível em: <http://www.laurenceanthony.net/>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BARREIROS, Liliane. L. B. O uso de ferramentas computacionais na elaboração do Vocabulário de Eulálio Motta: AntConc e FLEx. *A Cor das Letras*, 18(2), 2017, p. 216-41

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005 [2001].

COSERIU, Eugenio. Princípios de semântica estrutural. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, ver. por el autor. Madrid: Gredos, 1977;

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana [recurso eletrônico]*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

MAGALHÃES, Carlos Augusto. *Cena moderna: a cidade da Bahia no romance de Jorge Amado*. Salvador: Quarteto, 2011.

SILVA, Luana Cristine da. TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. O campo lexical dos orixás em O Sumiço da Santa. *Revista Philologus*, Ano 26, n. 76 Supl. *Anais do XII SINEFIL*, Rio de Janeiro: CIFEFiL, Jan./Abr. 2020.

SOBENES, Anahy. *Jubiabá: uma cartilha para feiteceiros e comunistas*. In: Simpósio Nacional de História, 28. *Anais dos Lugares dos historiadores: novos e velhos desafios*, Florianópolis, 2015.

SOUZA, Aracy Maria Nunes de et al. *Uma leitura do candomblé como discurso social: Jubiabá de Jorge Amado*. In: Simpósio Nacional de História, 29, *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História: contra os preconceitos: história e democracia*, Brasília, 2017. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/site/anais>. Acesso em: 23 de out de 2022.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis. Uma análise lexicológica dos instrumentos e das relações de trabalho em Seara Vermelha, de Jorge Ama-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

do. Feira de Santana: *Revista A Cor das Letras*, v. 18, n. 2, p. 294-302, maio-agosto, 2017.